

Política Série Estado da Nação



“Ninguém tem de ser escravo de pagar uma casa e não conseguir fazer mais nada”

Em Lisboa, há 942 mil famílias que têm de despendar 40% do seu rendimento com a casa. “Eu estou farta de procurar”. Trabalho da série do Estado da Nação

Cristiana Faria Moreira Texto
Rui Gaudêncio Fotografia

Todos os dias, Rosário e o namorado correm os sites de arrendamento e venda de casas à procura de alguma oportunidade. E todos os dias sentem o futuro um bocadinho mais adiado. “Talvez um dia consiga. Como eu, há milhares de pessoas à procura.” E há nisto alguma coisa que deixa esta professora de História de 29 anos a sentir-se defraudada. “Acho que isto é comum a toda a geração dos anos 80 e 90, a quem os pais disseram ‘se tu estadares, se fores trabalhador, se fores qualificado, vais ter uma vida brutal’. Mas não estamos a ter essa vida brutal, onde é que isso está? O que é que aconteceu num espaço de duas gerações, para eu, com 29 anos e a ganhar mais do que a minha mãe ganhava quando começou a trabalhar, não conseguir sair de casa?”

Com a sua idade, os pais estavam a trocar para a segunda casa que compravam, desta feita na freguesia lisboeta de Arroios. E é ali que Rosário ainda vive com eles e onde gostava de conseguir uma casa para si, para o namorado e “para os próximos”. “Neste momento, é impossível. Não

tenho poder de compra. Não consigo casar-me, não consigo ter filhos, não consigo sair de casa dos meus pais. Gostava de comprar casa. Não tenho de comprar uma mansão. Agora, que quero uma casa para mim e para os próximos, quero.”

Rosário Rocha da Silva dá aulas de História há dois anos. É professora contratada e ganha cerca de 1150 euros líquidos. Ela sabe que não tem mais direitos do que outros a viver no centro da cidade. Há muito que isso deixou de ser para todos, mas acredita que “as pessoas têm direito a morar onde nasceram” e de viverem próximas da família. Mas não deixa de fora a possibilidade de ir morar para um município vizinho. Aliás, as suas buscas por casa são alargadas, ainda que a imprevisibilidade dos transportes a faça também temer sair de Lisboa. “A questão dos transportes não é uma coisa à parte, tem de ser algo pensado de forma interligada. Não quero estar dependente do carro para tudo.”

Voltar a casa dos pais

Pedro não escapou a esse destino, quando se apercebeu de que seria difícil recuperar parte da independência que tinha perdido, que, depois

dos 40 anos, não podia continuar a viver em casa dos pais, à qual voltara depois de uma separação. Em fevereiro passado, foi mais um dos que decidem partir. “Estava farto. Sentia que nunca ia conseguir. E apareceu-me esta oportunidade a ganhar três vezes mais na Irlanda. E arranquei.”

Pedro Silva, de 42 anos, até já tinha estado emigrado na Suíça. A crise “empurrara-o” para esse destino, já que ficara sem o trabalho na área do Turismo quando foi “apanhado pela troika”. Emigrou, mas a separação trouxe-o de novo à casa dos pais, em Almada, no final de 2019. O plano inicial era ficar em casa dos pais um, dois meses até conseguir “uma fonte de rendimento estável” e começar a procurar a casa.

Os pais, Dolores e Francisco, abriram-lhe as portas, claro. “Esta vai ser sempre a casa dele”, diz a mãe. Ajudaram no que puderam. “Felizmente, pudemos ajudar. Mas chega a altura em que não é possível. Até correndo o risco de ficarmos com a nossa situação financeira mais complicada”, diz Francisco Silva.

Pesados todos os encargos, Pedro percebeu que não se conseguia sustentar sozinho. “Foi um grande cho-



que. Eu trabalhava em jardinagem na Suíça e ganhava cerca de 5 mil euros por mês. Cá, encontrei um trabalho numa gráfica a ganhar 750 euros", recorda.

Mesmo ali em Almada, o preço das casas disparou. "Está caríssimo. E estamos nos subúrbios. Ninguém tem de ser escravo de pagar uma casa

Rosário, à esquerda. Pedro com os pais e Sara Batista em cima. Todos se debatem com o drama de ter uma habitação a preços comportáveis em Lisboa

e não conseguir fazer mais nada o resto do mês, a não ser comer", indigna-se.

Pedro é hoje motorista de transporte público em Dublin. A vida encaimou-se. Vive numa casa com mais três trabalhadores da empresa, uma vivenda grande nos arredores da cidade disponibilizada pela empresa. O salário triplicou. "Aqui ganhava mil euros num mês bom e a fazer 14, 15 horas por dia, a entrar às 6h e a sair às 9h", diz Pedro.

"Inacessibilidade"

São os jovens, as famílias em mobilidade profissional, recomposição familiar ou no regime de arrendamento que estão entre a população mais afectada pela crise da habitação na Grande Lisboa – a região do país onde vive quase um terço da população do país.

Na última década, "cerca de metade do crescimento do número de agregados registado no país" foi registada nesta região, mas o aumento de famílias residentes "não foi acompanhado por um aumento equivalente ao nível dos alojamentos", nota o Diagnóstico das Condições Habitacionais Indignas na Área Metropolitana de Lisboa (AML), que analisa as condições de habitação da região.

A pressão foi e é imensa, com aumentos muito expressivos no valor das rendas e nas casas para venda, que se alastraram dos municípios centrais da AML para os mais afastados da capital – uma dificuldade para uma classe média cada vez mais esvaziata.

Este contexto colocou 942 mil famílias com residência fiscal na AML (62% do total) em situação de "inacessibilidade habitacional". Quer isto dizer que, "se tiverem de recorrer ao mercado, não encontrarão no seu município de residência uma habitação adequada sem ter de despendar mais de 40% do seu rendimento em encargos com a habitação, seja por via da aquisição, seja do arrendamento", refere o diagnóstico.

Resta-lhes manterem-se na casa que ocupam, mas que seja "inadequada". Os jovens, como Rosário, vêem o seu futuro adiado, as famílias, pressionadas com "custos elevadíssimos" com a habitação, põem em causa a "satisfação de outras necessidades básicas". A solução acaba por ser mudar para outro município, ainda que isso possa afastar as famílias da sua rede e do próprio emprego. Na última década, a população de municípios centrais da região, como Lisboa, "migrou" para municípios limítrofes, como Alcochete, Mafra, Montijo e Palmela, concluiu também o diagnóstico.

Um futuro hipotecado

Quando se passeia pelas ruas de uma vida e recua à memória, são os cheiros que surgem na memória de Sara: "As peles da antiga loja de malas, as madeiras, o café da fábrica" ali ao pé

AM. LISBOA

Área do território

Em km², 2022

3015,24

População

2022

2.899.670



Valor mediano das rendas por metro quadrado de novos contratos de arrendamento

1.º trimestre de 2023, em euros



Valor mediano das vendas por metro quadrado de alojamentos familiares nos últimos 12 meses

4.º trimestre de 2022, em euros



Fonte: INE

PUBLICO

funcionar. Existe também o apoio da câmara, mas não é assim tão fácil aceder."

Sempre que há um concurso de casas com renda acessível, candidatar-se. "Mas aquilo é uma lotaria." Também já tentou as casas do Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana, mas o processo excluía-a porque com o seu rendimento não conseguia candidatar-se a uma renda de 400 euros, por ser considerado um esforço financeiro excessivo. "Estou pobre demais para concorrer a umas coisas e estou rica demais para outras", como recorrer às casas sociais da câmara, diz a lojista.

Sara ganha 800 euros brutos como empregada de balcão numa loja que vende atalhados em muitos casos para alojamentos locais como os que existem no seu prédio. É só ela e o filho de 19 anos, que está a terminar o 12.º ano e que ela gostava que pudesse ir para a universidade. Neste momento, isso é impossível. "Eu ainda queria dar-lhe algum apoio, dar-lhe casa, segurança e sinto que não consigo."

Tem procurado casas fora de Lisboa, mas nada que consiga pagar. Já ponderou ir para um quarto ou então partilhar uma casa com alguém que esteja na mesma situação. Apesar de ter nascido e vivido toda a vida de olhos postos no Tejo, não tem essa "visão romântica" de nascer e morrer no mesmo lugar.

Às vezes chegam-lhe com anúncios de 600 euros. "Comparado com Lisboa, 600 euros é bom, mas vou-me atirar para uma casa de 600 euros se há meses em que o ordenado não chega aos 700 euros? Como é que pago o resto?"

"Eu não posso ficar na rua"

"Os problemas que nos têm chegado são sobretudo de oposição à renovação de contratos. A questão do arrendamento é frágil", observa Luís Mendes, investigador do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e membro da Associação dos Inquilinos Lisboenses e do movimento Morar em Lisboa. A par disso, surgem situações que "roçam o assédio no arrendamento, de pressão por parte do senhorio", sublinhando contudo que a crise na habitação se está "a agudizar com a crise inflacionária e que já não envolve apenas os inquilinos do arrendamento, mas também quem paga prestações ao banco".

A situação é ainda mais difícil para quem nem sequer tem um contrato de arrendamento. "Esta informalidade do arrendamento é muito tóxica. Distorce fortemente o mercado porque faz aumentar os preços, compete deslealmente", enquadra o investigador, defendendo ser preciso "fiscalizar, combater o arrendamento ilegal e informal".

Amanhã: No Centro que vai perdendo gente, o "futuro das aldeias é ir fechando as portas"